

DOS REIS, N. 2020. *MAQUIAVEL NA INGLATERRA E O INCONFESSO INTÉRPRETE DAVID HUME*. BELO HORIZONTE: EDITORA DIALÉTICA.

Daniel Nascimento de Almeida

Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGLM)

Nascimento1181@gmail.com

Há mais de vinte anos Nilo Henrique Neves dos Reis tem direcionado seus esforços ao exame da filosofia de David Hume. O livro *Maquiavel na Inglaterra e o inconfesso intérprete David Hume* é o resultado de sua pesquisa ao pensar não somente sobre a filosofia de Hume, mas também acerca da filosofia de Maquiavel, e de que modo seus respectivos sistemas estão intimamente relacionados. O livro aqui apresentado é uma obra de fôlego e, apesar disso, não se trata de um trabalho enfadonho e desestimulante, ao contrário, trata-se de uma obra na qual o autor conduz o leitor pela mão por meio de ensaios cativantes, que fazem com que a relação entre Maquiavel e Hume seja apresentada de forma límpida e inteligível, como se uma ideia se seguisse naturalmente da outra. Em suma, Nilo exprime este trabalho nos moldes sugeridos pelo próprio Hume no ensaio intitulado *Da simplicidade e refinamento na escrita*, a saber, conduzindo seu texto de forma a estabelecer “(...) a justa mistura de simplicidade e refinamento na escrita” (SR, 5).

A obra de Nilo dos Reis aqui tratada é dividida em três partes gerais e estas partes gerais são compostas por algumas seções nas quais temas específicos são desenvolvidos. A primeira parte (Dos contextos e seus intercursos à presença de Maquiavel em solo inglês: quando a força dos ventos toma conta dos espíritos) reflete a busca de Nilo por evidenciar a importância do diálogo entre autores e seus leitores. O modo como Nilo explora esse diálogo traz peso significativo à sua proposta, porque seu posicionamento consiste em ressaltar que a leitura dos livros faz com que os leitores assimilem determinados eventos de uma forma específica, isto é, estabelecendo relações lógicas entre suas causas e efeitos. Em síntese, a proposta de Nilo pode ser compreendida como a hipótese de que as obras clássicas funcionam como uma espécie de conjunto de experiências reunidas (“experiências pretéritas”), que alcançam pessoas de períodos posteriores aos seus, na medida em que ao se propagarem por meio dos

“ventos” de um período ou contexto a outro, estas experiências ultrapassam as barreiras territoriais das nações e oferecem formas de se pensar o presente e seus problemas com base em frutíferas ideias do passado.

Na primeira seção da primeira parte (Dos contornos geográficos aos eventos históricos: a presença dos ventos), Nilo ilustra alguns exemplos históricos que corroboram sua tese, ou seja, de que o contato dos leitores de certo período com obras pretéritas tende a gerar influência sobre suas formas de agir e de observar o mundo. É assim que o autor entende a história, enfatizando o *modus operandi* dos indivíduos consigo e uns com os outros, em especial a forma como suas forças motrizes e interesses diversos se relacionam com as diferentes circunstâncias.

Na segunda seção da primeira parte (Acerca das leituras), Nilo explora com mais afinco parte daquilo que havia sido postulado anteriormente, a saber, como as leituras de autores do passado exercem influência sobre seus leitores. Segundo Nilo, o fato de os ingleses do período elisabetano possuírem domínio sobre outros idiomas (principalmente do italiano) contribuiu com a recepção dos escritos de Maquiavel. Além disso, Nilo chama nossa atenção para os holofotes que os escritos e a figura de Maquiavel (marcada por seus diversos estereótipos pitorescos) carregavam não só em solo inglês, mas também em todo o continente europeu. Um caso específico citado por Nilo é a proximidade que Maquiavel tinha dos Médici (em especial de Lourenço de Médici, pai de Catarina de Médici), o que teria feito com que os franceses atribuíssem a existência de certa relação entre os acontecimentos grotescos do que ficou denominado de massacre de São Bartolomeu com um provável envolvimento de Catarina no ocorrido, sendo esta supostamente conduzida por ideias advindas dos escritos de Maquiavel. Portanto, as ideias de Maquiavel passaram a figurar aquela expressão que conhecemos nos dias de hoje por “maquiavélico”, isto é, como aponta Nilo, algo associado à falta de escrúpulos, à falsidade e à astúcia.

Na terceira seção da primeira parte (Do humanismo e sua influência), Nilo trata de alguns aspectos do humanismo e da sua influência sobre o solo inglês. Como o autor defende desde o início do livro, o estudo do passado por meio de escritos e suas ideias garante aos estudiosos um arsenal variado para se pensar as diversas situações por diferentes perspectivas e o modo mais adequado para agir em cada caso. Nesse contexto, Nilo destaca o fato de que os escritos de Maquiavel passaram a servir de fundamento para analisar a conjuntura política inglesa do reinado de Carlos I, já que Maquiavel abria a possibilidade de se pensar os aspectos distintos de um governo republicano, o estatuto das instituições e suas leis. O mesmo

aconteceu, segundo Nilo, com a obra de James Harrington, que influenciou os leitores por meio de ideais neorromanos, que estavam em conformidade com concepções mais abertas de liberdade no âmbito do governo. Por fim, nessa circunstância está presente, pela perspectiva do autor, o poder que os escritos, ideias e ideologias “trazidos pelos ventos” possuem sobre o desenvolvimento de movimentos culturais e sociais, pois o primeiro embate, por assim dizer, acontece em primeiro lugar no campo das ideias, para só então desencadear resultados no campo da ação.

Na quarta seção da primeira parte (Maquiavel e o teatro), Nilo ressalta a importância do teatro e da produção de peças principalmente na conjuntura inglesa dos séculos XV e XVI. Em outros termos, segundo Nilo, por meio do teatro, muitas daquelas ideias contidas nos livros que eram debatidas com recorrência pelos intelectuais chegaram às pessoas pouco instruídas. Assim como os rapsodos recitavam os poemas épicos ao povo das cidades na antiguidade, os dramaturgos compunham os textos das peças que eram apresentadas aos iletrados. Enfim, as pessoas que tinham acesso ao que era encenado discutiam isso com aqueles que estavam ali presentes, assim como discutiam com aqueles que estavam em suas casas, de modo que as ideias encontravam um jeito de se propagarem.

É na segunda parte do livro (O ambiente maquiaveliano), que Nilo nos apresenta a um novo conceito, o que ele denomina de “conjunto de traços e fragmentos”. Na verdade, Nilo apenas formaliza parte daquilo que ele já vinha tratando antes, isto é, quando falávamos da leitura que um autor teria feito de seus antecessores, nós falávamos exatamente do quanto aquele autor tinha assimilado dos escritos destes. São estes “conjuntos de traços e fragmentos” que são encontrados nas obras dos estudiosos e é assim que é possível identificar (mesmo que de forma implícita) a influência das ideias de um pensador sobre outro. Ao levar isso em conta, o próprio Hume é inserido nesse conjunto de autores, porque, segundo Nilo, a forma como o Escocês trata de Maquiavel em seus *Ensaio*s e na sua *História da Inglaterra* abre margem suficiente para conjecturarmos a possibilidade de que Hume teria dado atenção considerável ao Florentino em seus estudos pessoais. Por conseguinte, para fazer a devida análise de fragmentos de textos dos autores, será de fundamental importância, de acordo com Nilo, que os métodos de intertextualidade e de interlocução sejam devidamente executados.

Na primeira seção da segunda parte (The Commonwealth of *Oceana* e suas contribuições), Nilo volta nossa atenção aos escritos de James Harrington, pois Harrington teria sido, pela perspectiva de Nilo, um estudioso de Maquiavel e de seu realismo político (apesar de se distanciar desse realismo político ao apontar como a sociedade deveria ser em

Oceana, sua obra magna, confiando excessivamente na influência do bem comum e no uso da razão como alicerces do governo). No que diz respeito à composição da *Oceana*, Nilo realça o quão importante foram “os ventos” para Harrington, porque o humanismo em suas duas concepções (antiga e italiana) foram primordiais para que Harrington pudesse vir a pensar o modo como os indivíduos podem participar da vida política e como esses indivíduos podem ser capacitados para tal. Por último, em sua estrutura geral, *Oceana* contribui com uma teoria política e um modo de sociedade ideal que Harrington desejava que fosse atingido pela Inglaterra.

Na segunda seção da segunda parte (O triângulo Harrington, Maquiavel e Hume), é abordada por Nilo desde o início a posição de Hume em contraponto à posição de Harrington. Para tal, Nilo faz menção à posição de Hume apresentada no ensaio intitulado *Da eloquência* (El, 1), no qual Hume expõe o que ele denomina de motores das disputas políticas, ou melhor, as causas das ações políticas. Dentre as causas apresentadas pelo filósofo, nenhuma é de natureza racional, mas sim passional. Isso não é de todo surpreendente, como reforça Nilo, visto que ao analisar a natureza humana por intermédio do método experimental de raciocínio, a análise da natureza humana proposta pelo Escocês coloca no centro da discussão o papel das paixões em detrimento do papel da razão. Em consequência disso, tratando-se de política, é frequentemente citada por Nilo nesta seção a máxima política que Hume apresenta no ensaio intitulado *Da independência do parlamento* (IP, 2), ou seja, de que todo homem deve ser considerado um velhaco. É ao levar esses aspectos em conta que Harrington teria falhado ao propor o seu modelo de república na *Oceana*, segundo Hume, pois ao estabelecer a razão como a fonte dos juízos morais e das ações humanas, o filósofo teria sido demasiadamente inocente. Portanto, a inocência de Harrington estaria em propor um sistema idealista e nada fiel à experiência corrente, sendo incapaz de perceber as contradições humanas e que nem sempre os homens agem racionalmente.

Na terceira seção da segunda parte (Traços e fragmentos: uma inegável união maquiaveliana), Nilo começa por destacar a importância que as relações entre governantes e governados têm no escopo de análise de teóricos adeptos à doutrina do realismo político. Isso se deve ao fato de que é a partir da observação dos acontecimentos envolvendo os governantes e os governados que o realista político irá formular suas hipóteses sobre a natureza humana. A partir disso, Nilo argumenta que Hume teria feito como Maquiavel no sentido de observar a história e o comportamento dos homens em sociedade, com o intuito de compreender de que maneira a obediência passiva e a legitimidade dos governos teria sido

estabelecida entre os homens. Conclui-se, de acordo com a tese de Nilo, o estabelecimento de características de aproximação entre Hume e Maquiavel no sentido de apontar que o Escocês tenha tomado a história como laboratório, na medida em que reduziu a pluralidade das ações humanas a uma unidade de inclinações.

Na terceira parte do livro (Hume, leitor de Maquiavel), Nilo salienta o papel desempenhado pelos livros no que diz respeito à constituição do imaginário dos leitores. Isso fica patente quando o autor aponta que assim como as embarcações carregam mercadorias de um porto a outro, com elas seguem os homens com suas ideias e, às vezes, livros. Sendo assim, nesta parte veremos como a relação entre Hume (leitor) e Maquiavel (autor) foi descrita por alguns estudiosos e como as obras do segundo influenciaram o pensamento do primeiro.

Na primeira seção da terceira parte (A comédia de Maquiavel e um comentário de Hume), Nilo destaca dois trechos da comédia maquiaveliana intitulada *Clizia*. Por meio do drama vivido na peça em questão pelo personagem Cleandro, de acordo com Nilo, Maquiavel estaria não apenas apresentando a história do personagem, mas também explorando os múltiplos significados do vocábulo “drama”. Em outros termos, Maquiavel teria discutido o drama como artifício literário, o que possibilitou ao Florentino o envolvimento com a problemática presente na questão interna do poder. Segue-se disso, de acordo com a proposta de Nilo, que Maquiavel tinha um interesse político ao redigir suas obras, razão pela qual o filósofo estaria a considerar a função do conflito no ambiente político ao abordar temas semelhantes em seus escritos. Se considerarmos esta alternativa de leitura das peças de Maquiavel, podemos notar, como assegura Nilo, que os personagens se apresentam como elementos simbólicos dos conflitos políticos reais, na medida em que eles adotam posições favoráveis ou desfavoráveis aos problemas políticos vigentes. Por isso, é reforçada a noção de Maquiavel de que no âmbito político só há dominadores e dominados.

Na segunda seção da terceira parte (Hume e Maquiavel, por Frederick G. Whelan), a posição de Frederick G. Whelan acerca da relação entre Hume e Maquiavel consiste basicamente em uma análise do modo como o realismo político do segundo aparece nas obras do primeiro, de acordo com Nilo. Como sugere Whelan, isso ganha força à medida que nos dirigimos aos *Ensaio*s e à *História da Inglaterra*, pois são nesses escritos que o Escocês teria apresentado posições marcantes do realismo político, conforme se posicionou contra a elaboração de teorias de governos ideias, a confiança excessiva nos homens e a desordenação pública. Em outras palavras, o ponto fundamental da tese de Whelan foi o de apontar que

Hume teria tomado uma série de posições de Maquiavel, como é o caso da maneira como este último conduzia seus julgamentos políticos. Assim, a tese de Whelan, segundo Nilo, consideraria ainda que Hume se apropriou de forma intencional do pensamento de Maquiavel, mesmo que de forma subentendida, e assim acabou por adotar a posição realística de que a realidade política seria determinada pela ação coletiva dos sujeitos, de modo que caberia ao governante ser um exímio observador das causas e efeitos envolvidos no processo.

Na terceira seção da terceira parte (Hume e Maquiavel, por John W. Danford), a perspectiva de John W. Danford acerca da filosofia de Maquiavel pode ser sintetizada, segundo Nilo, a partir da maneira como o estudioso enxerga o Florentino, isto é, como o filósofo que estabeleceu a primeira ciência política, tendo como base o olhar minucioso do real comportamento humano ao longo da história. Em conformidade com isso, Nilo sugere que um dos textos de Danford que é útil para se refletir sobre a relação entre o pensamento de Maquiavel e Hume é o texto intitulado *Getting Our Bearings: Machiavelli and Hume*, em que o autor mostra que, de acordo com Maquiavel, no que tange à análise dos fenômenos morais e políticos, é preciso compreender que as coisas não são postas na superfície. Isso quer dizer que a posição de Maquiavel exige que o observador desenvolva adequada atenção para analisar os fenômenos e não se deixe enganar pelas aparências e superficialidades, o que acaba por engendrar em ceticismo, devido à desconfiança sobre a parte visível presente na constituição desses mesmos fenômenos. Em consequência disso, pode-se dizer, como aponta Nilo, que Hume herda parte desse ceticismo maquiaveliano ao analisar os homens em sociedade, levando-o a investigar o acontecimento político no âmbito dos fenômenos humanos, fazendo da experiência sua base de raciocínio.

Na quarta seção da terceira parte (Maquiavel e Hume, por Philippe Saltel), Nilo sublinha que o estudo de Philippe Saltel nos oferece a possibilidade de conhecer Hume por diferentes perspectivas. Dentre elas, uma das mais importantes é a de que Hume teria sido um leitor de Maquiavel e que sua própria posição filosófica foi constituída a partir das leituras de textos do Florentino. Além disso, a posição de Saltel, de acordo com Nilo, pode ser assim entendida conforme a aproximação das obras de Hume às obras de Maquiavel tenha ocorrido com base nas semelhanças presentes em seus respectivos contextos históricos-políticos, de modo que o Escocês teria encontrado nos textos do Florentino uma fonte de consulta para fundamentar seu rigor na análise do fenômeno político. Assim, como aponta Nilo, a consulta às obras pretéritas pode ser entendida não só como meios de instrução e entretenimento.

Na quinta e última seção da terceira parte (Maquiavel e Hume, por Giuseppe Cospito), pela perspectiva de Giuseppe Cospito, segundo Nilo, Maquiavel e Hume beberam das mesmas fontes clássicas. Ademais, Cospito argumenta que o interesse comum de Maquiavel e Hume não estaria apenas no aspecto intelectual, mas também no campo das tarefas cotidianas, pois Cospito propõe que há analogias entre Hume e Maquiavel com base na análise da natureza do jogo que coincidentemente praticavam: o gamão. Em suma, a posição de Cospito, no que diz respeito à busca por descobertas e ao estabelecimento de possíveis intertextualidades entre Maquiavel e Hume, deverá levar em conta os respectivos interesses dos dois filósofos pelo estudo da história, interesses estes que fizeram com que seus posicionamentos anti-idealistas ganhassem força, tendo em vista o lugar ocupado pelas experiências pretéritas no nivelamento dos fatos.

Considerando os detalhes expostos, deve-se dizer que *Maquiavel na Inglaterra e o inconfesso intérprete David Hume* pode ser considerado uma rica fonte de pesquisa a todos aqueles que tenham interesse tanto pela filosofia de Hume quanto pela filosofia de Maquiavel. No que diz respeito à filosofia de Hume, pode-se encontrar uma série de referências a vários de seus escritos (em especial à *História da Inglaterra* e aos *Ensaio*s), de modo que Nilo consegue costurar muito bem cada passagem, transitando facilmente de um texto a outro e fazendo com que o leitor estabeleça relações entre os mais diversos ensaios de Hume, como acontece com as referências aos ensaios: *Da eloquência*, *Da independência do parlamento*, *Do refinamento nas artes*, *Do estudo da história*, *Ideia de uma república perfeita*, *Se o governo britânico se inclina mais para uma monarquia absoluta ou para uma república*, *Do crédito público* e etc. Além disso, a ênfase dada pelo autor ao método experimental e ao estudo da história merece atenção, porque Nilo aborda a temática do método experimental de raciocínio para além do campo da epistemologia, fazendo com que os leitores tomem conhecimento das posições de Hume ao analisar os mais diversos assuntos humanos (vide a política, a história, a economia e as paixões). No que tange à filosofia de Maquiavel, verifica-se referências não apenas ao *Príncipe* e aos *Discursos*, mas também a comédias de sua autoria como *Clizia* e *A Mandrágora*, o que reforça o empenho de Nilo ao mergulhar profundamente no contexto histórico-filosófico italiano. Outrossim, isso possibilitou ao pesquisador enfatizar o *modus operandi* das classes políticas da época, de forma a nos oferecer esclarecimento acerca dos fenômenos políticos que levaram Maquiavel a olhar para os seres humanos como seres reais e não como meros produtos da fértil imaginação humana. Este trabalho concerne, portanto, em um empreendimento encorpado no que diz respeito ao modo como apresenta

dois clássicos da história da filosofia e na forma como nos leva a pensar as relações entre as obras e seus leitores, o tempo e a propagação das ideias pelos “ventos”.